

**JORNAL DO BRASIL**

Fundado em 1891

## CONSELHO EDITORIAL

**M. F. DO NASCIMENTO BRITO**

Presidente

**WILSON FIGUEIREDO**

Vice-Presidente

## REDAÇÃO

**MARCELO PONTES**

Editor

**PAULO TOTTI**

Editor Executivo

**MARCELO BERABA**

Editor Executivo

**ORIVALDO PERIN**

Secretário de Redação

**SÉRGIO RÉGO MONTEIRO**

Diretor

**EDGAR LISBOA**

Diretor Agência-JB

# Palavra do Amigo

Plauto dizia que todo homem, por mais sábio que fosse, precisava do conselho de um amigo sagaz. O professor de filosofia José Arthur Giannotti é homem sagaz e amigo do presidente Fernando Henrique há mais de 45 anos. Merece, portanto, a atenção presidencial quando adverte que a esmagadora vitória da emenda da reeleição no Congresso, a ausência de oposição política consistente e o amplo apoio que conta nas ruas, revelado nas sondagens, transformam em urgência nacional a clara formulação de um projeto de longo prazo para o Brasil.

O professor Giannotti identifica tentações de despotismo esclarecido quando, no afã de quebrar resistências à modernização do país, o presidente prefere o rolo compressor parlamentar ao debate mais amplo com os diversos setores da sociedade civil. Ao mesmo tempo configura-se grave crise de representatividade, expressa no fato de que os parlamentares perderam contato com as vozes mais ativas da sociedade e se perdem em protelações e miudezas.

Os superpoderes de Fernando Henrique, o ar de unanimidade com que parece ungi-do, a intensa confiança do povo no estadista, conferem-lhe enorme responsabilidade para definir, o mais rapidamente possível, suas prioridades e objetivos, o rumo que pretende dar ao país, para lá das reformas constitucionais mais urgentes que aguardam

votação no Congresso — a política, a previdenciária, a fiscal e a administrativa. O Brasil precisa de um plano de navegação de longo curso, um plano capaz de nortear muitas as futuras na travessia do milênio.

Por sua parte, os políticos devem se compenetrar das imensas expectativas geradas na cidadania pelo sucesso do Plano Real, o primeiro no Brasil a apresentar coerência, embasamento doutrinário liberal e compatibilidade com a era da globalização. O que tivemos antes foram iniciativas descontinuas e espasmódicas.

Em resumo: o programa de estabilização precisa abrir caminho ao debate dos grandes assuntos nacionais para além das reivindicações de curto prazo. Os representantes precisam reatar os laços com seus representados e deixar de negaças e contemporizações. O presidente deve corresponder à confiabilidade que já atingiu seu ponto limite.

Nas palavras do amigo filósofo está contida a advertência de que unanimidades se dissipam, caso não se tornem perfeitamente visíveis as bandeiras de longo prazo que o presidente propõe. Desse esclarecimento sobre as grandes linhas de ação, com vistas ao século 21, dependerá também a emergência de uma oposição mais leal e menos anti-histórica do que esta que passa ao largo dos temas fundamentais da nossa época.